

**HENRI MESCHONNIC**

RITMO, HISTORICIDADE

E A PROPOSTA DE UMA

TEORIA CRÍTICA DA

LINGUAGEM

## **Conselho Editorial**

Alastair Pennycook  
Allen Quesada  
Ana Nery Damasceno Noronha  
Ana Sousa  
Antonietta Heyden Megale  
Aparecida de Jesus Ferreira  
Beatriz Gama Rodrigues  
Carmen Jená Machado Caetano  
Cátia Regina Braga Martins  
Daniel Silva  
Dllobia Santclair  
Elaine Fernandes Mateus  
Elkerlane Martins de Araújo  
Fernanda Coelho Liberali  
Joaquim Dolz  
Kleber Aparecido da Silva  
Lauro Sérgio Machado Pereira  
Li Wei  
Lynn Mário Menezes de Sousa  
Gabriela A. Veronelli  
Gisvaldo Araújo Silva  
Manuela Guilherme  
Reinildes Dias  
Ofélia Garcia  
Oseas Bezerra Viana Jr.  
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias  
Paulo Massaro  
Renato Cabral Rezende  
Rodriana Costa  
Rosana Helena Nunes  
Rosane Pessoa  
Ryuko Kubota  
Sávio Siqueira  
Sweder Sousa  
Tatiana Dias  
Veruska Machado  
Wilson Leffa  
Viviane Resende

Maria Sílvia Cintra Martins  
(organizadora)

**HENRI MESCHONNIC**

RITMO, HISTORICIDADE  
E A PROPOSTA DE UMA  
TEORIA CRÍTICA DA  
LINGUAGEM

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Henri Meschonnic [livro eletrônico] : ritmo, historicidade e a proposta de uma teoria crítica da linguagem / organização Maria Sílvia Cintra Martins. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-621-6 [versão ebook]

1. Línguas e linguagem 2. Meschonnic, Henri, 1939-2009
3. Teoria crítica I. Martins, Maria Sílvia Cintra.

22-112174

CDD-400

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Línguas e linguagem 400

*capa e gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

*revisão final* da organizadora

*bibliotecária:* Aline Graziele Benitez – CRB-1/3129

O presente trabalho foi realizado com apoio da  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –  
Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Publicado com verba da PROAP-CAPES do PPG  
em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA/USP)

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-lettras.com.br](http://www.mercado-de-lettras.com.br)

[livros@mercado-de-lettras.com.br](mailto:livros@mercado-de-lettras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 2**

FORMATO DIGITAL

BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução ou armazenamento  
parcial ou total ou transmissão de qualquer  
meio eletrônico ou qualquer meio existente  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
Primeira Parte: “CRISE DO SIGNO”, “PARA SAIR DO PÓS-MODERNO”, “LINGUAGEM, HISTÓRIA UMA MESMA TEORIA” E “UM GOLPE DE BÍBLIA NA FILOSOFIA”	
I - CRISE DO SIGNO – <i>Henri Meschonnic</i> .....	15
<i>O ritmo não é mais o que você pensa:</i>	
<i>anotações iniciais</i> .....	15
<i>O ritmo não é mais o que você pensa</i> .....	16
II - PARA SAIR DO PÓS-MODERNO .....	37
1. <i>Para sair do pós-moderno: anotações iniciais</i> .....	37
2. <i>Para sair do pós-moderno: cinco capítulos de Henri Meschonnic</i> .....	51
1. o estrangeiro no tempo	
2. do passado em embalagens de presente	
3. o sujeito é a modernidade	
4. a poética da modernidade como crítica da estética	
5. enfim, sair do pós-moderno	
3. <i>Bibliografia</i> .....	110
III - LINGUAGEM, HISTÓRIA UMA MESMA TEORIA: QUATRO CAPÍTULOS DE HENRI MESCHONNIC. . . . .	119
1. <i>História, história</i> .....	119
1.1. <i>Anotações iniciais</i>	
1.2. <i>História, história</i>	
2. <i>Linguagem, história, uma mesma teoria</i> .....	123
2.1. <i>Anotações iniciais</i>	
2.2. <i>Linguagem, história, uma mesma teoria</i>	
3. <i>Ritmo, teoria da linguagem, poética da sociedade</i> .	159
3.1. <i>Anotações iniciais</i>	
3.2. <i>Ritmo, teoria da linguagem, poética da sociedade</i>	
4. <i>Nada de crítica sem teoria do ritmo</i> .....	179
4.1. <i>Anotações iniciais</i>	
4.2. <i>Nada de crítica sem teoria do ritmo</i>	

IV – UM GOLPE DE BÍBLIA NA FILOSOFIA:	
UM CAPÍTULO DE HENRI MESCHONNIC . . . . .	195
1. Anotações iniciais . . . . .	195
2. Traduzir não é traduzir se não damos conta do ritmo que recebemos . . . . .	196

Segunda Parte: REFLEXÕES EM TORNO DA TEORIA DA  
LINGUAGEM PROPOSTA POR HENRI MESCHONNIC

I. PENSAR MESCHONNIC . . . . .	205
<i>Maria Sílvia Cintra Martins</i>	
1. Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e o processo de subjetivação em Meschonnic. . . . .	207
2. Henri Meschonnic, Walter Benjamin e Wilhelm von Humboldt . . . . .	221
3. Por que o signo poético como eixo. . . . .	225
4. Os modelos contínuos em Linguística: entre Henri Meschonnic e Antoine Culioli . . . . .	228
II. O MENINO VEM NO RITMO . . . . .	237
<i>Ji Yun Kim</i>	
1. Saindo do signo, entrando na poética. . . . .	237
2. Ritmo e Tradução . . . . .	240
3. Menino Vem, Atos Humanos (Human Acts). . . . .	242
4. Saindo. . . . .	258
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. . . . .	261
SOBRE OS AUTORES. . . . .	267

## APRESENTAÇÃO

Henri Meschonnic foi linguista, poeta e tradutor francês, nascido em Paris, em 1932, e falecido já há mais de dez anos, em abril de 2009. Filho de judeus russos, foi escondido pelos pais no decorrer da Segunda Grande Guerra. Passou seis meses na Argélia, no ano de 1960, no decorrer da Guerra da Argélia, quando aprendeu o hebraico, que veio a fazer parte de suas iniciativas da tradução e retradução da Bíblia para a língua francesa, assim como forneceu subsídios para sua teorização em torno do ritmo. Foi professor na Universidade de Lille, e participou, ao lado de intelectuais como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jean-François Lyotard da criação do Centro Universitário Experimental de Vincennes. Lecionou Linguística e Literatura na Universidade Paris VIII.

Sua obra, distribuída em volumes teóricos, traduções e coletâneas poéticas, ultrapassa a casa dos sessenta, fora as publicações de artigos em revistas diversas (aproximando-se de trezentos) e a participação no dicionário lançado pela Editora Larousse, *“Dictionnaire du français contemporain”*, datado de 1966.

Contamos, no Brasil, com as traduções: “Poética do Traduzir”, pela Perspectiva, em 2009 (de “Poétique du Traduire”, de 1999); “Modernidade, modernidade”, pela EDUSP, em 2017 (de “Modernité, modernité”, de 1988), além da publicação em formato digital “Linguagem, ritmo e vida”, iniciativa de pesquisadores do Grupo FALE, da UFMG, de 2006, que dá conta de uma parte de “La rime et la vie” (1990). Vale lembrar que o mesmo grupo, em 2009, lançou, também em formato digital, “Poética do Traduzir, não tradutologia”, com a tradução em três línguas (inglês, espanhol e português) do capítulo inicial de “Poétique du Traduire”. Já a Revista Scientia Translationis, da Universidade Federal de Santa Catarina, publicou em seu número 7, no ano de 2010, o artigo “Traduzir: Escrever ou Desescrever”, em tradução do artigo de Meschonnic, de 2007, “Traduire: Écrire ou Désécrire”.

Paradoxalmente, foi em Londres – e não em Paris – que passei dois meses, em 2016, em estágio de pesquisa com apoio FAPESP (2015/24353-5), sob a supervisão de David Treece (King’s College), quando visitei diariamente a *British Library* e pude manusear volumes, ou da autoria de Henri Meschonnic, ou a respeito de sua obra, como aquele de Marcella Leopizzi (2012), “*Henri Meschonnic dans tous ses états*”, por exemplo. Nessa oportunidade, fui a propósito a Paris, tendo agendado visita com Régine Braig, viúva de Meschonnic, quando pude conhecer a casa assobradada em que morou o poeta, nas cercanias da capital francesa. Lembro-me das muitas máscaras afixadas nas paredes logo na primeira saleta de entrada; lembro-me também das duas mesas em seu escritório, cheias de livros, quando pude imaginar Henri debruçado, cercado por todos aqueles volumes, e escrevendo, escrevendo. Régine talvez se servisse da outra mesa onde digitava todos os textos manuscritos. Na porta, uma bela fotografia do mestre, em tamanho ampliado, com a careca, o cabelo desalinhado e o rosto, limpo e sorridente. Antes de descer a escada, pude ver alguns livros empilhados ali no alto; da pilha, Régine retirou alguns que me deu de presente. Régine nos serviu bolo e chá na mesa defronte do janelão que dava para uma pequena construção ao fundo. Naquele momento, vivia sozinha, mas me relatou algo de um filho que teria ocupado aquele cômodo na parte de trás da casa. Ou seria uma filha?

Naquela viagem compreendi que por muitos anos haveria de me entreter nessa empreitada, que sem dúvida valia a pena ocupar-me desse tesouro, e tentar, paulatinamente, desbravá-lo. Era um caminho cheio de veredas, que me levariam a querer conhecer, também com mais profundidade, Walter Benjamin, Apollinaire, dentre tantos outros pensadores e poetas.

Em minha dissertação de Mestrado em Linguística, defendida há mais de vinte anos, eu havia me detido no “*Curso de Linguística Geral*”, do linguista suíço Ferdinand de Saussure, e dela resultaram duas publicações (Martins 2002 e 2014). Meu princípio inicial havia sido o de perscrutar o pensamento dialético (assim me parecia) presente na obra do mestre de Genebra, ou seja, a versão da vulgata já não me convencia, então, e, com base principalmente em Saussure (1968 e 1975), e no cotejo com o pensamento de cientistas e filósofos do final do século XIX e virada para o XX, busquei apontar para



a complexidade presente no “Curso”, na certeza da afirmação de Merleau-Ponty (*apud* Descombes 1979, p. 89 ), de que “Saussure poderia muito bem ter esboçado uma nova Filosofia da História”.

Já em minha tese de doutorado, alguns anos depois, debrucei-me sobre o pensamento complexo do linguista francês Antoine Culioli, buscando cotejá-lo com elementos da dialética materialista sócio-histórica presente na Escola de Vigotski, não com vistas a encontrar semelhanças, mas, ao contrário, com vistas a preencher lacunas, particularmente naquilo que Culioli, em sua abordagem algorítmica, denomina a operação de “regulação” na linguagem (ao lado das operações de “representação” e de “referenciação”), e que, na linha do pensamento de psicólogos da Escola de Vigotski, comparece como um princípio heurístico da construção da subjetividade. Vale lembrar que, em minha tese, eu buscava dirigir-me ao universo cognitivo infantil (com ênfase na faixa etária de quatro a seis anos).

De toda forma, em meu entender, certas elucidações trazidas por Culioli podem contribuir – ao menos contrastivamente e por sua própria insuficiência – para o pensar sobre o que são os modelos do contínuo – aos quais Meschonnic se refere insistentemente – e de que forma necessitam se realizar para que se deem genuinamente. Naquele momento, hoje compreendo, eu buscava (porém sem êxito) encontrar em Culioli certa abordagem teórica linguística crítica e complexa, na interface com o materialismo dialético – que só bem mais tarde pude de fato encontrar no pensamento de Meschonnic, o qual, pelas críticas que comporta ao marxismo enquanto dialoga com ele, também pôde me mostrar as insuficiências do pensamento bakhtiniano, ao qual muitos de nós, linguistas, temos aderido na busca por uma teoria crítica da linguagem.

Foi por essa época, visitando bibliotecas, particularmente aquela da Unesp de Araraquara, onde desenvolvi minhas pós-graduações, que comecei a conhecer um pouco da obra de Henri Meschonnic nos vários volumes de “*Pour la Poétique*” – todos localizados na ala da biblioteca reservada a volumes da área de pesquisa em Literatura, mesmo porque o linguista, poeta e tradutor francês não costuma ser uma referência na área de

estudos linguísticos no Brasil. Foi então que, num deles, encontrei a defesa enfática de Meschonnic do pensamento de Saussure, chamando a atenção para o deslocamento que a *vulgata* fizera dele, ao converter o sistema em estrutura. Apesar de eu já ter consultado artigos e artigos de linguistas, particularmente nos “*Cahiers Ferdinand de Saussure*”, era a primeira vez que encontrava uma defesa tão enfática e tão bem colocada, ao atingir o âmago da questão que levava à depreciação do pensamento de Saussure, ou, no mínimo, à negligência a seu respeito. Só cerca de quinze anos depois vim a me aprofundar em seu pensamento.

É como resultado desse meu percurso intelectual como pesquisadora, que a Segunda Parte desta coletânea comporta, no item 1.4., alguns elementos da Teoria da Enunciação proposta por Antoine Culioli, contrastando-a com a Teoria da Linguagem proposta por Henri Meschonnic, e com a exigência da inclusão do trabalho com o poético para se superarem os desafios que hoje encontramos na área de pesquisa em Linguística. Nessa Segunda Parte, composta de dois capítulos, o capítulo 1 comporta reflexões decorrentes de pesquisa de seis anos com apoio FAPESP, a qual venho desenvolvendo na visitação à ampla obra de Henri Meschonnic, na tradução de alguns de seus escritos, no diálogo com pós-graduandos e na participação em equipes de tradutores, particularmente em conjunto com pós-graduandos pertencentes ao Grupo de Pesquisa LEETRA – “Linguagens em Tradução” (CNPq). O capítulo 2, por sua vez, “O menino vem no ritmo”, é de autoria de Ji Yun Kim, doutoranda no Programa LETRA/USP pertencente ao mesmo grupo. Ji Yun Kim traduziu recentemente a obra de Hang Kang *소년이 온다* (“*Menino Vem*”), sob o título “*Atos Humanos*”, e traz, aqui, considerações em torno do ritmo no cotejo que realiza entre a tradução de 2016 para a língua inglesa e sua tradução para a língua portuguesa.

Já na Primeira Parte, apresento capítulos comentados de quatro obras diferentes de Henri Meshonnic que ainda não possuíam tradução em português: o capítulo “O ritmo não é mais o que você pensa” que faz parte da obra “*Crise du Signe*” (2000); cinco capítulos de “*Pour sortir du postmoderne*” (2009); quatro capítulos de “*Langage, histoire une même théorie*” (2012) e o

capítulo “Traduzir não é traduzir se não damos conta do ritmo que recebemos” de *“Un coup de Bible dans la philosophie”* (2016).

O volume *“Crise du signe: Politique du rythme et théorie du langage”* [“Crise do signo: Política do ritmo e teoria da linguagem”], em edição bilíngue (espanhol/francês) datada de 2000, comporta os seguintes capítulos: “Le rythme n’est plus ce que vous croyez”; “Et le génie des langues?” [“E o gênio das línguas?”]; “Du génie, encore du génie, toujours du génie” [“Sobre o gênio, ainda o gênio, sempre o gênio”]; “La poétique comme critique du langage dans les sciences humaines” [“A poética como crítica da linguagem nas ciências humanas”] e “Manifeste pour un parti du rythme” [“Manifesto por um partido do ritmo”]. Escolhi o primeiro, “O ritmo não é mais o que você pensa”, em função da abrangência teórica que comporta, para constar desta coletânea.

De início, em meu projeto de tradução para esta coletânea, não fazia parte este capítulo, e resolvi inseri-lo quando, no diálogo com alunos de pós-graduação na disciplina “Linguística, Poética e Tradução” (Letra/USP), que vinha ministrando à época, assim como com os pesquisadores participantes do Grupo de Pesquisa LEETRA, percebi sua importância até mesmo por propiciar uma entrada mais fácil, uma forma de introdução aos demais capítulos que apresento aqui.

No caso de *“Pour sortir du postmoderne”*, escolhi para este volume apenas cinco capítulos (10, 11, 14, 15 e 17), em aguardo da publicação na íntegra, por esta mesma editora, do volume completo já traduzido por mim. Trago aqui, de toda forma, uma síntese comentada a respeito dos demais capítulos.

O volume *“Langage, histoire une même théorie”*, publicado postumamente, em 2012, é dividido em cinco partes, a saber: 1. A poética para a historicidade; 2. ... E para o político; 3. ...E para a linguagem; 4. ...E para a ética; 5. ... E para hoje. A primeira parte subdivide-se nos capítulos: 1. História, história; 2. Linguagem, história uma mesma teoria; 3. Para uma poética da historicidade; 4. Ritmo, teoria da linguagem, poética da sociedade; 5. A humanidade, é para se pensar livre; 6. Na linguagem é sempre a guerra (entrevista com Pierre Gazaix); 7. Nada de crítica sem teoria crítica do ritmo.

Apresento, aqui, a tradução dos capítulos 1, 2, 4 e 7 da primeira parte. Em função da complexidade das questões levantadas e propostas por Meschonnic nessa obra, cada um dos capítulos é precedido de breve resenha comentada, de minha autoria, de forma a proporcionar a introdução a seu pensamento.

Já o volume *“Un coup de Bible dans la philosophie”*, também de publicação póstuma, possui duas partes, sendo a primeira de caráter histórico, composta de 13 capítulos, que buscam dar conta do estado da arte em torno das traduções da Bíblia, e a segunda, *“Embiber le traduire rythmer la pensée”*, composta de dez capítulos dos quais escolhi “Traduzir não é traduzir se não damos conta do ritmo que recebemos”.

Nos quatro casos, foram mantidas e traduzidas as notas de rodapé introduzidas por Meschonnic. Por outro lado, inseri uma série de notas de fim, com a finalidade de: fornecer algumas informações adicionais, que auxiliem na compreensão do texto original; fornecer explicações sobre certas opções tradutórias; fornecer algumas anotações de leitura, no sentido, por exemplo, de sinalizar em que capítulo dado conceito será explicitado de forma mais completa, ou em que volumes do próprio autor dada conceituação reaparece.

Lembro, afinal, que é à Linguística, em particular, que interessam os desafios aqui sinalizados para a construção de uma Teoria Crítica da Linguagem – que, apesar das ilusões em contrário, ainda não temos, ou não temos nada à altura ou na profundidade e abrangência da proposta meschonniciana. Lembro, também, que entre nós, em nosso território, foi Carlos Franchi (1992) – nome não tão conhecido ou divulgado à altura de suas propostas – quem se arriscou nessa direção e nesse combate – de uma forma talvez ainda não compreendida em toda sua profundidade.

Por fim, vale notar que a construção de uma Teoria da Linguagem – intimamente associada a uma Teoria da História – é de interesse central para a Filosofia, assim como para as ciências humanas de modo geral.

*Maria Sílvia Cintra Martins*

Março de 2022